

Das escolas mistas industriais ao grupo escolar

a educação do operário viabilizada na Companhia Taubaté Industrial (CTI) e divulgada pelo *CTI Jornal* (1937-1941)*

Mauro Castilho Gonçalves**

Resumo:

Este texto discute os editoriais, as matérias e os artigos sobre educação veiculados pelo *CTI Jornal*, órgão de imprensa lançado em 1937 pela Companhia Taubaté Industrial (CTI), fábrica de tecelagem criada em fins do século XIX, na cidade de Taubaté (SP). A análise do jornal foi pautada por um roteiro de caracterização que privilegiou as edições de 1937 a 1941, quando o primeiro número foi lançado (1937) e o Grupo Escolar da CTI inaugurado (1941). A pesquisa identificou que a fábrica defendeu um *ethos* específico, utilizando do discurso e das práticas educacionais, articulados com a mensagem católica, para dinamizar a produção e promover o civismo, a partir da disciplinarização do operário.

Palavras chave:

indústria; escola; imprensa; Igreja católica; operário.

* Pesquisa desenvolvida a partir da linha “Imprensa e instituições escolares” do grupo de pesquisa em “Educação regional: história e políticas” do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté. Agradecemos a participação da aluna Luara Galvão de França.

** Mestre em educação: história e filosofia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em “Educação: história, política, sociedade” pela PUC-SP.

From industry mixed-schools to school groups

the education of the employee rendered feasible
by Taubaté Industrial Company (CTI) and
published by press on the *CTI Journal* (1937-1941)

Mauro Castilho Gonçalves

Abstract:

This text aims to discuss editorials, news and articles related to education and published by press on the *CTI Journal* that was introduced in 1937 by Taubaté Industrial Company (CTI). CTI was a textile industry founded in the end of the nineteenth century in the city of Taubaté. The analysis of the journal was based on a characterization script that had privileged 1937 and 1941 editions. At this time the first edition was published (1937) and CTI School Group inaugurated (1941). From a categorization based on industry, school and church concepts, the search have identified that CTI have leveraged the disclosure of a specific *ethos* making use of the speech and educational practices well articulated with catholic messages to defend production, public spirit and discipline of the working class.

Keywords:

industry; school; press; catholic Church; worker.

Introdução

O presente texto é resultado da análise dos editoriais, das matérias e dos artigos nas áreas da educação técnica e escolar, divulgados pelo *CTI Jornal*¹, periódico criado pela Companhia Taubaté Industrial (CTI), no ano de 1937. A referida fábrica de tecelagem pertenceu à família Guisard, grupo político que exerceu grande influência na cidade de Taubaté, município localizado no Vale do Paraíba paulista. A investigação concentrou-se entre os anos de 1937, quando a primeira edição do jornal foi lançada, e 1941, quando o grupo escolar daquela fábrica foi inaugurado.

O recorte cronológico explica-se a partir da importância atribuída ao jornal pelos meios empresariais e operários do período. Além disso, vale ressaltar que a pesquisa apresenta e discute os projetos educacionais da referida fábrica, em especial suas escolas mistas e o grupo escolar da CTI, inaugurado em 1941, ano do cinquentenário daquele complexo fabril.

O foco da pesquisa residiu na interpretação dos posicionamentos políticos, culturais e educacionais veiculados por aquele órgão de imprensa. Vale destacar que o *CTI Jornal* não pertencia aos quadros da chamada imprensa operária, mas à iniciativa das elites empresariais que administravam a Companhia Taubaté Industrial, em parceria com o sindicato da categoria, composto por lideranças que, em geral, freqüentavam as páginas do jornal e contribuía para alimentar a pauta mensal.

O *CTI Jornal* foi criado para divulgar as iniciativas da fábrica nos campos da educação escolar, do lazer, da produção, do esporte, da habitação, da religião, dentre outros. O periódico possuía uma tiragem de aproximadamente 1.000 exemplares. Cerca de 800 eram distribuídos gratuitamente para os operários e os 200 restantes, para a diretoria e o conjunto de acionistas. Era dividido em seis seções: a médica, para divulgação de remédios, uma parceria entre a fábrica e os principais laboratórios; a social, coordenada por Emílio Amadei Beringhs; a técnica, com artigos e matérias direcionadas para a formação profissional dos operários; a seção de teatro e cinema, organizada por Guagyr B. Que-

1. A coleção completa encontra-se arquivada no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de Taubaté.

rido; a de poesia e literatura, sob a supervisão de João Dias Monteiro e Lycurgo Querido; e, por último, a seção da história da CTI, chefiada por Victor Barbosa Guisard (cf. *CTI Jornal*, 15 abr. 1938, pp. 1 e 5).

A análise do jornal foi pautada por um roteiro de caracterização que privilegiou os dados de produção e circulação do periódico, veiculados em editoriais, matérias e artigos. Constatamos uma incidência importante de temas e questões relacionadas ao papel da fábrica na formação educacional, produtiva, moral e religiosa dos trabalhadores.

Nesse sentido, elegemos três categorias de análise, na tentativa de compreender os projetos educacionais e escolares efetivados pela direção da fábrica e divulgados pelo *CTI Jornal*. Tais categorias não esgotam a explicação da complexa realidade local e nacional que marcou aqueles anos de governo getulista. Utilizamos, para tanto, e de forma articulada, os conceitos de indústria, escola e Igreja, categorias entendidas para além de sua materialidade. Em outras palavras, tais conceitos foram utilizados para compreender o *ethos* implícito nas propostas educacionais e escolares projetadas pelas elites empresariais que dirigiam aquele complexo fabril.

O jornal e os projetos de educação e cultura

O conteúdo divulgado pelo jornal, no que se refere a matérias, posicionamentos e projetos educacionais, pautou-se pela articulação do discurso em favor da escolarização básica e técnica dos trabalhadores e a mensagem católica, no sentido de consolidar, entre os operários, práticas civilizatórias, baseadas na defesa da produção em larga escala, do civismo e da disciplina.

Um artigo escrito pelo articulista Benedito Pereira explicitou, de forma contundente, a lógica adotada pela equipe editorial:

Operários! Meus amigos! É preciso que tenhamos fé no futuro; não pensemos somente no presente. Trabalhem, porque quem nos dirige, soube e saberá dar valor àqueles que têm sabido, com seu esforço dinâmico, engrandecer Taubaté, este pedacinho do Brasil grandioso, Brasil dos Brasileiros, Brasil

Cristão. Em cada mente estão escritas estas palavras de fé que são: DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA [*CTI Jornal*, 15 dez. 1937, p. 7, grifos do original].

O discurso religioso presente em muitas edições do jornal e a defesa sistemática do catolicismo pelos principais articulistas, dentre eles o bispo diocesano e outros representantes da hierarquia e do laicato, levou-nos à hipótese da existência, na cidade, de uma aliança político-cultural entre o empresariado que apostou no projeto CTI e a Igreja local. A formação política, social e escolar do operariado tornou-se, para essa aliança, peça fundamental.

A participação da Igreja católica nos projetos idealizados pela direção da CTI ficou evidenciada em várias passagens do referido jornal. Podemos destacar uma matéria divulgada na edição de julho de 1938, quando o padre Moraes Junior divulgou seu parecer acerca do trabalho empreendido pelos empresários que apostaram naquele projeto fabril. Para ele,

Não há maior felicidade que notar nos Relatórios Industriais uma preocupação pela felicidade dos operários. Ainda são poucas as fábricas e as indústrias que consideram seus operários como verdadeiros cooperadores das suas aquisições e dos seus progressos [...] Aliás, o sr. Félix Guisard, o homem que fez sua ascensão na riqueza, por uma energia admirável e um caráter de diamante, em uma palestra amiga, no seu modesto escritório, afirmava-nos: “Padre, precisamos nos capacitar de que o operário é um homem como nós, tem seus direitos, a sua dignidade e a responsabilidade de sua família...” [...] Isso é belo e enche o coração de grande esperança. E a C.T.I. vai provando que vagarosamente se pode fazer muita coisa [*CTI Jornal*, 20 jul. 1938, p. 3].

Outras evidências da participação da Igreja local no cotidiano da CTI foram encontradas no corpo do nosso objeto de pesquisa. A matéria intitulada “Um ato de piedade cristã – 1ª comunhão dos alunos da Primeira Escola Industrial Mista da Cia. Taubaté Industrial” mostra-nos o quanto valioso era para a Igreja local estar vinculada às iniciativas do empresariado da cidade e, ao mesmo tempo, revela-nos a preocupação dos dirigentes da fábrica em não descartar a aliança com a hierarquia católica.

A celebração religiosa foi presidida pelo bispo diocesano dom André Arcoverde. Em sua preleção, o religioso fez menção à luta incessante da Igreja contra as chamadas ideologias negativas que impediam o crescimento saudável dos cristãos. Alertou o público sobre os perigos do comunismo e não poupou esforços no sentido de saudar as lideranças empresariais, em especial a família Guisard, responsável pela iniciativa da criação da primeira escola mista industrial e da formação religiosa de seus alunos:

O nosso querido e piedoso Bispo, num templo literalmente cheio, deu mostra da energia com que ele luta para evitar que o grande rebanho seja contaminado das ideologias perniciosas que invadem o mundo, transformando os homens em feras [*CTI Jornal*, 15 ago. 1938, p. 3].

Não menos importante foi o discurso proferido pela aluna Giselda Corbani, que saudou os colegas e a professora Odette Guisard, defendendo os valores cristãos e a perspectiva religiosa adotada por aquela escola industrial:

Nossos corações pulam mais alegres que nunca, e a vossa vinda aos pés de Jesus, pela vez primeira, certamente que nos deixam várias impressões agradáveis: a orientação cristã de vossa escola e da fábrica em que vossos queridos pais mourejam honradamente [...] Viva a Escola Operária da CTI! Viva a Religião Católica! Viva O Exmo. Sr. Bispo! Viva o Revmo. Vigário Pe Cícero! [*CTI Jornal*, 15 ago. 1938, p. 3].

A presença de integrantes da hierarquia católica e do laicato militante nas páginas do *CTI Jornal* não era pequena. Em várias edições, o bispo diocesano sinalizou sua estreita relação com a direção da fábrica e sua preocupação com a formação religiosa e moral dos trabalhadores. Quase sempre sua inserção refletia o posicionamento político da Igreja em relação ao comunismo.

Em uma das mais importantes passagens, o bispo diocesano saúda o governo pela coragem no enfrentamento contra a tentativa de instalação, no país, do regime soviético. Criticava a Intentona Comunista, movi-

mento político que fora liderado por Luís Carlos Prestes, em 1935. Ao mesmo tempo em que tecia elogios ao Governo Vargas, o bispo saudava o quarto aniversário de existência do *CTI Jornal*. Segundo dom André Arcoverde:

O *CTI Jornal*, mantendo-se neste plano de doutrinação da classe, contra as idéias anticristãs, cumpre o dever sagrado de preservar essa mesma classe do maior dos males, e dar-lhes a segurança da disciplina e da harmonia, que lhes serão indispensáveis em qualquer ocasião de defesa dos interesses justificados do operariado. Deus lance sobre o operariado suas bênçãos, e conserve sempre eficiente no seio da classe, o *CTI Jornal*, por tal forma, que nele o operário encontre sábios conselhos, orientação e defesa [*CTI Jornal*, 15 set. 1940, p. 1].

As escolas mistas e o projeto educacional da fábrica

As celebrações litúrgicas, liderada pela alta hierarquia da diocese de Taubaté e outras ações da Igreja local no trato da formação religiosa e moral dos trabalhadores, revelam-nos o interesse da direção da fábrica em investir na formação religiosa, articulada com a formação escolar básica, pois se tratava da primeira comunhão dos alunos da primeira escola industrial mista da CTI, inaugurada em setembro de 1937. O *CTI Jornal* anunciou o empreendimento educacional em parceria com o governo do estado de São Paulo, projeto destinado aos filhos dos operários da CTI:

Foi motivo de justa satisfação para todos que labutam na C.T.I. o gesto altamente significativo do Governo do Estado criando a 1ª Escola Mista destinada aos filhos de operários desta Cia. A 1ª Escola Mista já está funcionando provisoriamente à Rua Padre Carlos, em prédio recém-construído, sendo esta uma instalação provisória visto como a diretoria da C.T.I. já tem em estudos o projeto do prédio destinado ao Clube dos Operários da C.T.I. que compreende dentre outras coisas: 2 amplas salas de aula para 40 alunos cada dotada de

todos os requisitos da moderna pedagogia e onde poderão receber instrução primária, em dois turnos, 4 classes com 160 crianças. A professora srta. Odete Barbosa Guisard foi nomeada para reger a sala [...] Aos alunos serão fornecidos uniformes e um copo de leite diário [*CTI Jornal*, 15 set. 1937, p. 5].

A segunda escola mista industrial foi inaugurada um ano depois. Na edição de 15 de agosto de 1938, o *CTI Jornal* divulgou a criação de mais esse empreendimento educacional, reivindicado pela direção da fábrica à Secretaria da Educação e da Saúde Pública, na ocasião dirigida por Álvaro de Figueiredo Guião.

Guardadas as proporções de conjunturas e objetos de pesquisa, esse dinamismo verificado nas ações da CTI em criar escolas mistas pode ser analisado a partir da perspectiva do historiador inglês E. P. Thompson (1998) que, no artigo “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”, defende a idéia segundo a qual a escola serviu para treinar a aquisição do hábito do trabalho e a incorporação mental e moral do tempo disciplinado.

Segundo Thompson, em meados do século XVIII, o reverendo inglês J. Clayton denunciava a situação de crianças que perambulavam pelas ruas de Londres e “elogiava as escolas de caridade por ensinarem o trabalho, a frugalidade, a ordem e a regularidade” (Thompson, 1998, p. 292). As escolas, nesse sentido, tornavam-se espetáculos da ordem e, uma vez dentro dos portões da escola, a criança entrava no novo universo do tempo disciplinado (cf. Thompson, 1998, p. 292).

Para esse autor, com a emergência da indústria, o tempo da mercadoria passou a ocupar, em várias regiões da Inglaterra, um espaço privilegiado, diferenciando-se em essência do tempo da economia familiar. O relógio, artigo de luxo por muito tempo, passou a regular os novos ritmos da vida industrial. Para Thompson, à medida que os trabalhadores melhoravam sua condição socioeconômica, a aquisição do relógio tornava-se hábito nesse grupo social.

Na esteira desse historiador, o que nos interessa não são as mudanças técnicas levadas a cabo pela introdução de um novo maquinário para a produção dos bens de consumo, mas como tais mudanças foram experimentadas e como novas práticas sociais emergiram no interior do

espaço urbano. Nesse sentido, o processo de escolarização, articulado com a formação religiosa dos operários e de seus filhos, tornou-se peça fundamental em favor da emergência de um novo *ethos*, pois a introdução da disciplina do trabalho, desde a tenra idade, possibilitaria, segundo Thompson, a incorporação do relógio moral (idem, p. 295).

É o que Geraldo de Oliveira, um dos principais articulistas do jornal, militante católico e secretário do Sindicato dos Operários em Fiação e Tecelagem de Taubaté, defendeu no artigo intitulado “A infância proletária e o ensino profissional”. Segundo Oliveira, as crianças necessitam receber, desde muito cedo, os primeiros ensinamentos para que incorporem as principais noções da moral e da cultura. Para tanto, o investimento do empresariado na formação técnica, por intermédio de escolas profissionalizantes, seria o melhor caminho a ser traçado como projeto aos herdeiros do operariado.

A perspectiva católica presente no conjunto do jornal articulou-se com o tema da instrução profissional. Em várias edições, como nesse artigo de Geraldo de Oliveira, discutiram-se as relações entre a infância proletária e o ensino profissional. Segundo o articulista, a classe operária, “bem instruída e melhor guiada”, transformar-se-ia no orgulho da nação. O investimento na formação da criança seria, portanto, o caminho mais viável para gerar o “novo homem” no futuro (*CTI Jornal*, 15 out. 1938, p. 5).

Como é sabido, o projeto de expansão das instituições profissionalizantes não estava descartado pela pauta política do Estado Novo liderado por Getúlio Vargas. Nesse período, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, desenhava uma proposta de reforma educacional que conduziria o ensino técnico-profissionalizante para outros patamares. Aliás, vale ressaltar, momento em que a Companhia Taubaté Industrial estava em plena ascensão.

As edições do *CTI Jornal*, de forma contundente, anunciavam o incondicional apoio às políticas estadonovistas, em especial, aquelas vinculadas ao campo da educação escolar e técnica². Até mesmo a direção

2. Em longo artigo na edição de 15 de agosto de 1938, Geraldo de Oliveira defendeu incondicionalmente o projeto político do Estado Novo, argumentando que Getúlio

do Sindicato dos Operários em Fiação e Tecelagem de Taubaté aderiu à onda getulista.

No dia 14 de janeiro de 1939 foi inaugurado, em solenidade que reuniu na sede da entidade os dirigentes empresariais e sindicais, o retrato de Getúlio Vargas. Em discurso, o secretário-geral da corporação, Geraldo de Oliveira, afirmou “ser o sindicato um órgão de cooperação e harmonia e nunca o estúpido propugnador da luta de classes” (*CTI Jornal*, 15 fev. 1939, p. 9).

O longo período por que Capanema ocupou o Ministério da Educação serviu para consolidar no país uma etapa decisiva na formulação de uma política educacional que pudesse espraiar-se por todo território nacional. Esse era o grande objetivo dos intelectuais e técnicos que assessoram Capanema no ministério. A idéia nacionalista presente no projeto foi a marca getulista em tempos de Estado Novo. Em 1937, o Conselho Nacional de Educação encaminhou a Capanema o texto final do Plano Nacional de Educação. Nele, a educação moral e cívica ocupou um espaço privilegiado, com uma regulamentação detalhada:

Ela deveria ser ministrada em todos os ramos de ensino [...] Ela deveria ter uma parte teórica, que trataria dos fins, da vontade, dos atos do homem, das leis naturais e civis, das regras supremas e próximas da moralidade, das paixões e da virtude; e uma parte prática, que incluía desde o estudo da vida de “grandes homens de virtudes heróicas” até o trabalho da assistência social, que ensinasse aos alunos “a prática efetiva do bem” [Schwartzman, Bonemy & Costa, 2000, p. 199, grifos do original].

Seguindo o receituário do getulismo, a CTI não poupou esforços no sentido de investir na educação cívica e moral dos operários e de seus filhos. Esse trabalho transcendia os empreendimentos escolares, como as escolas mistas industriais e o grupo escolar, inaugurado em 1941. O projeto da fábrica consistia em ampliar sua atuação para além das máquinas.

Vargas conseguira a real aproximação das classes sociais e a certeza da luta do governo pela consolidação do ensino profissionalizante no país (*CTI Jornal*, 15 ago. 1938, p. 5).

A preocupação residia no âmbito da cultura: era necessário investir em dispositivos que possibilitassem a incorporação de novos modelos e práticas, para assegurar a hegemonia da indústria. No ápice de sua produção, aliada a uma conjuntura política favorável, parte do empresariado taubateano, concentrado na CTI, buscou atender não somente aos herdeiros do operariado, mas, especialmente, àqueles que, cotidianamente, participavam do processo produtivo. Para tanto, as atividades de lazer passaram a integrar o roteiro de ação das diferentes esferas diretivas da fábrica.

Benedito M. Pereira, em artigo publicado na edição de 15 de dezembro de 1937, recorda nomes e personalidades que contribuíram na organização e no aprimoramento das atividades lúdicas promovidas pela fábrica: Virgílio de Barros, Manoel de Campos, Astério Braga, Orestes Marcondes, dentre outros, artistas que animavam a platéia operária desempenhando papéis em comédias, dramas etc. (*CTI Jornal*, 15 dez. 1937, p. 7).

Além desses espetáculos, os dirigentes da empresa promoviam o *cinema na fábrica*, organizado por Emílio Amadei, a partir da seleção previamente efetuada por Alberto Guisard. Filmes como *Os mistérios de New York*, *Barrabás*, *Os miseráveis*, *Conde de Monte Cristo* eram projetados para os trabalhadores. Benedito Pereira, entusiasticamente, concluiu seu artigo invocando Deus, a pátria e a família, sustentáculos, segundo o autor, do “Brasil Cristão” (*CTI Jornal*, 15 dez. 1937, p. 7).

Os projetos educacionais e seu impacto na cidade

Educação, religião, lazer e cultura estavam presentes de forma acentuada no projeto de convencer o operariado a engajar-se na luta em favor da construção de uma nação cristã. O jornal, objeto de nossa análise, transformou-se no principal veículo de divulgação da mensagem e dos empreendimentos das elites empresariais da CTI, além do púlpito das igrejas.

Os empreendedores aglutinados no projeto da Companhia Taubaté Industrial, além de sua inserção na lógica das novidades técnicas que abatiam o mercado da tecelagem naquela ocasião, preocuparam-se com a formação ideológica, moral e religiosa dos operários e de seus filhos.

Nessa linha de raciocínio, vale lembrar os posicionamentos de Gramsci (2001) acerca do fenômeno americanismo/fordismo, que, para além das transformações do processo de trabalho, toda vida social deveria ser privilegiada pelos industriais, por intermédio do investimento em instrução, recreação e assistência social.

No caso específico da dimensão lúdica, a CTI operou na esfera das subjetividades dos operários e seus familiares. O lazer não era disposto isoladamente pela direção da fábrica. Possuía uma estreita relação com a saúde do trabalhador e com sua capacidade de produção. Não por acaso, foi construída uma colônia de férias, na cidade de Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo. As manchetes e matérias divulgadas pelo *CTI Jornal* dão mostras do audacioso projeto da família Guisard em proporcionar aos trabalhadores da fábrica, anualmente, a oportunidade de usufruir um período de lazer nas praias do litoral norte paulista.

No dia 15 de junho de 1938, o jornal divulgou a seguinte manchete: “Junho... Férias... Ubatuba”, argumentando que

[...] solucionada desta forma, o meio da concessão das férias, uma outra idéia animou os diretores da C.T.I., que foi a de se escolher um lugar adequado, onde os operários, além do descanso, pudessem alcançar algo de melhor para sua saúde, e para lhes reanimar as forças [...]³.

A assistência social foi outro setor não menos importante na formação da consciência operária. A creche, a farmácia popular, a habitação operária, dentre outras iniciativas, foram vistas pela direção da fábrica como imprescindíveis na disciplinarização dos trabalhadores⁴.

A cidade de Taubaté, em função das transformações socioeconômicas e seu lugar geográfico privilegiado na região do Vale do Paraíba, favorecia um fluxo migratório, especialmente das pequenas cidades vizinhas,

-
3. O *CTI Jornal*, em edições posteriores, especialmente nos meses de junho, julho e agosto, divulgou a colônia de férias localizada na cidade de Ubatuba (*CTI Jornal*, 20 jul. 1938, p. 4; 15 jun. 1940, p. 3; 16 jul. 1940, p. 6; 15 jun. 1941, p. 3; 26 jul. 1941, p. 5; e 22 ago. 1941, p. 8).
 4. Sobre a creche e a farmácia da CTI, conferir artigo assinado por Roberto Breterick, na edição de 15 de dezembro de 1937 (p. 5) do *CTI Jornal*.

do sul de Minas Gerais e do litoral norte paulista. A CTI habilitou-se no acolhimento de trabalhadores interessados numa nova opção de trabalho. Os menos favorecidos encontravam nos cortiços a opção de moradia mais eficaz, população, segundo os editoriais e as matérias do jornal, infeliz e abandonada pelos poderes responsáveis.

Nesse caso, coube à direção da fábrica o desenho de um projeto de habitação popular que permitisse acolher seus trabalhadores. Uma outra lógica urbana foi considerada pela engenharia contratada: a vila operária, direcionada para homogeneizar, inclusive, o itinerário dos trabalhadores. A planta, confeccionada por Urbano Pereira, explicita a intenção da fábrica em construir, de forma homogênea, um cenário urbano próximo às instalações do complexo fabril.

O engenheiro Urbano Pereira compunha a direção da chamada Companhia Predial de Taubaté, responsável, à época, pela remodelação urbana da cidade. O *CTI Jornal* divulgou em suas páginas a relação profissional estabelecida entre a referida construtora e a CTI. Além da responsabilidade junto aos setores economicamente favorecidos da cidade, a construtora foi contratada pela fábrica para desenhar um projeto habitacional popular, destinado, exclusivamente, aos trabalhadores da Companhia Taubaté Industrial. Senão vejamos:

Inegavelmente tem sido a Companhia Predial de Taubaté uma benfeitora com que conta a nossa cidade. Deve-se quase exclusivamente a ela a remodelação urbana por que Taubaté está passando. Belos e elegantes prédios se erguem aqui e acolá dando graça e remoçando nossa velha Taubaté. Mas se por um lado ela constrói prédios de grande valor e de beleza extraordinária, não se descurou a Companhia Predial de Taubaté dos pequeninos, dos que não podem construir prédios e que entretanto tem vontade de viver com mais higiene [...] [*CTI Jornal*, 15 dez. 1937, p. 6].

Um ousado projeto de desenhar uma nova configuração habitacional para seus operários foi colocado em prática nesse período e amplamente divulgado pelo *CTI Jornal*. Numa edição anterior, esse veículo porta-voz das iniciativas da direção da fábrica apresentou um editorial nessa direção: “Guerra ao cortiço – Sanear é obra divina” (idem, pp. 1 e 5).

Para as elites políticas e letradas que detinham a hegemonia cultural e educacional na cidade, o trabalho de sanear, higienizar e educar a classe trabalhadora era urgente. A obra redentora era preconizada a partir de um discurso que supervalorizava a ação educacional/religiosa sobre a massa proletária. A lógica presente no discurso anunciado pelo *CTI Jornal* compunha o repertório do ideário de civilizar aqueles setores sociais deseducados:

[...] Voltamos nossos olhos para uma parcela grande do operariado urbano e rural taubateano, desprovido do menor conforto material, paupérrimo também de instrução e com apagados sinais de educação [...] Esta é a nossa lendária Taubaté, infestada de cortiços imundos, sem laivos de higiene, onde muitos infelizes se depauperam psiquicamente e se extinguem espiritualmente, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto [...] Vegetando nesses mocambos de senzalas cafres ressuscitadas, as vezes em pontos quase centrais da nossa terra, os seus habitantes geralmente atravessam pela vida quase num primitivismo de causar a mais amarga piedade humana, como entes das furnas da idade da pedra [...] [idem, p. 1].

A solução, segundo o editorial, estava na remodelação urbana que, naquela conjuntura, fazia parte dos planos da Companhia Industrial de Taubaté, assim como de outras instituições da cidade, a saber: a Companhia Predial de Taubaté, construtora responsável pela edificação de casas e de prédios comerciais, e a Cúria Diocesana, que, pela ação de suas lideranças eclesiais, loteou terrenos pertencentes à Igreja para a construção de casas populares⁵.

Nesse sentido, podemos reafirmar a aliança entre o empresariado urbano e a hierarquia católica, preocupados em viabilizar um projeto educacional e cultural que priorizasse ações voltadas para o cotidiano dos trabalhadores e de suas famílias:

5. Sobre essa questão conferir nossa tese de doutorado intitulada *Cidade, cultura e educação: o projeto de modernização conservadora da Igreja católica, em Taubaté, em meados do século XX*, defendida, em 2003, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP.

[...] Louvando e dando nosso maior apoio moral às iniciativas que se vem observando ultimamente em Taubaté; da C.T.I. que promoverá dentro em pouco a construção de 300 casas para operários, da Cia Fabril de Juta que está rasgando os alicerces dos seus primeiros 200 prédios, da Cia Predial que iniciará sua vila operária com 60 casas e da Cúria de Taubaté, que ao que nos informa vai lotear a grande área de terreno que circunda o solar de tradição religiosa taubateana que é convento de Santa Clara [...] [idem, p. 5].

À guisa de conclusão: o grupo escolar como projeto-síntese

Como vimos, não menos importante foi a participação da Igreja local na articulação desses projetos, em especial no que se refere à estruturação do sistema escolar da fábrica. Destacamos, igualmente, a participação, como articulistas, de membros da hierarquia católica e do laicato militante no jornal e a preocupação da direção editorial em divulgar realizações católicas, como festas religiosas, procissões e celebrações de primeira comunhão dos alunos matriculados no sistema de instrução patrocinado pela Companhia Taubaté Industrial. A presença católica no conjunto do jornal articulou-se, portanto, com o tema da formação escolar das crianças.

A CTI, desde a emergência do projeto preconizado por Getúlio Vargas, em especial acerca da massificação do ensino e a formação técnica dos trabalhadores, preocupou-se em instituir, no interior da fábrica, um sistema de escolas mistas industriais para a formação dos filhos dos seus funcionários. Esse trabalho contou com o apoio de representantes do Executivo estadual, bem como de membros da hierarquia católica com influências políticas junto aos poderes públicos.

A grande realização no sentido de promover a escolarização básica aos filhos dos operários deu-se com a criação, em 1941, do grupo escolar da CTI, cuja inauguração foi motivo de regozijo expresso nas páginas do *CTI Jornal*. Alguns anos antes, o jornal divulgou aos seus leitores que tal projeto já fazia parte dos planos da direção da fábrica (*CTI Jornal*, 15 set. 1939, p. 3).

Em 1939, com a inauguração da terceira escola mista industrial, os dirigentes preconizavam a reunião das três instituições num único grupo. Na edição de 14 de março de 1941, o *CTI Jornal* divulgou a concretização do projeto. O Grupo Escolar da Companhia Taubaté Industrial, enfim, seria edificado à Rua América, próximo à fábrica (*CTI Jornal*, 14 mar. 1941, p. 8).

A unificação das “escolas da CTI”, como eram conhecidas, deu-se numa conjuntura favorável. A direção da fábrica apoiava incondicionalmente a política de Vargas. Além disso, a fábrica comemorava seus 50 anos de existência. Dentre as realizações da Companhia Taubaté Industrial, destacou-se o grupo escolar, inaugurado, como vimos, em 1941:

[...] Dirigem-se os presentes para o local onde se ergue o majestoso edifício do grupo escolar, prova evidente dos esforços dos diretores ceteienses em prol da alfabetização dos filhos dos operários [...] O revmo. Padre Almeida Moraes procede a bênção do prédio enquanto os presentes percorrem as vastas dependências daquela casa, onde muitas e muitas crianças irão buscar as luzes da instrução [...] [*CTI Jornal*, 15 jun. 1941, p. 14].

Discursaram na inauguração Félix Guisard, presidente da Companhia Taubaté Industrial, Álvaro Marcondes de Mattos, prefeito municipal, Lafayette Rodrigues Pereira, delegado regional de ensino e, por fim, o representante dos operários e da redação do *CTI Jornal*, Dias Monteiro. Todos os pronunciamentos buscaram elevar o sentido patriótico da ocasião. Para eles, a escola seria o baluarte da civilização, da modernidade e do progresso.

O último discurso merece uma atenção especial. O representante dos operários, num ato de adesão às realizações efetuadas pela direção da CTI, teceu elogios àquela alternativa educacional e instrucional para os filhos dos trabalhadores, não poupando esforços na direção de elevar o Estado Novo como o principal responsável pela efetivação daquilo que acontecia na cidade naquele momento:

[...] Temos um Grupo Escolar para os filhos dos operários. Estamos satisfeí-tíssimos com esse grande melhoramento que somente a democracia plantada

pelo Estado Novo, nos seus nobres ideais, faria realizar [...] Em nome dos operários e em meu próprio nome é que eu vos falo. Sou uma pequenina parcela da grande massa obreira dessa poderosa indústria que foi a precursora do progresso do Vale do Paraíba [...] Em meu nome e em nome de todos os meus companheiros agradeço à família Guisard e aos demais membros da Cia. Taubaté Industrial a dádiva inestimável deste Grupo que é a pérola mais brilhante do grande diadema que enfeita estas festas comemorativas [...] [CTI *Jornal*, 15 jun. 1941, p. 15].

Diante dessas considerações, pode-se afirmar a sólida articulação entre os pilares que sustentaram os diferentes projetos da Companhia Taubaté Industrial. Educação, indústria e religião transformaram-se na tríade que sustentou ações efetuadas no campo da formação de uma nova classe operária, por intermédio da aliança constituída entre os setores influentes da Igreja católica local e parcelas do empresariado urbano.

Para tanto, as escolas mistas industriais, que durante o período Vargas foram criadas pela direção da CTI, e, posteriormente, o grupo escolar, tornaram-se elementos aglutinadores do projeto civilizatório levado a efeito pelos sujeitos que lideraram tais realizações, no sentido de viabilizar sua hegemonia no coração da cidade.

Referências bibliográficas

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GONÇALVES, M. C. Cidade, cultura e educação: o projeto de modernização conservadora da Igreja católica, em Taubaté, em meados do século XX.. 236 f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHWARTZMAN, S., BONEMY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra/Fundação Getúlio Vargas, 2000.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Endereço para correspondência:
Mauro Castilho Gonçalves
Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de
Taubaté
Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 120
Taubaté-SP
CEP 12030-320
E-mail: castilho@unitau.br

Recebido em: 30 abr. 2007

Aprovado em: 31 mar. 2008